

Veredas de um programa ambiental no contexto do jornalismo público para televisão

Adriano Medeiros da Rocha¹

Resumo

A proposta deste artigo é promover mecanismos reflexivos a respeito do caminho desenvolvido pela equipe da TV UFOP na constituição do mais novo programa da emissora. Embrionado dentro de uma TV pública, de vertente educativa, Veredas pretende contribuir para os processos de educação ambiental, ecoturismo e para o desenvolvimento sustentável da região dos Inconfidentes, em Minas Gerais. Dessa maneira, conceitos próprios do jornalismo ambiental e da TV pública serão apresentados como elementos teóricos fundamentais na elaboração deste produto televisivo e desta pesquisa, que pretende também apresentar as principais características construtoras e de linguagem utilizadas para a criação deste programa televisivo.

Palavras-chave: Educação ambiental; jornalismo ambiental; TV pública; TV UFOP

Abstract

The purpose of this article is to promote reflective mechanisms regarding the path developed by the TV UFOP team in the constitution of the new program of the broadcaster. Embedded in a public TV, educational side, Veredas intends to contribute to the processes of environmental education, ecotourism and for the sustainable development of the region of the Inconfidentes, in Minas Gerais. In this way, concepts specific to environmental journalism and public TV will be presented as fundamental theoretical elements in the elaboration of this television product and this research, which also intends to present the main constructive and language characteristics used for the creation of this television program.

Keywords: Environmental education; environmental journalism; Public TV; TV UFOP

Introdução

De acordo com a pesquisadora Macri Elaine Colombo (2010), o jornalismo ambiental se caracteriza como um tipo de jornalismo especializado que tem como base os fatos relacionados ao meio ambiente, à fauna, à flora, à ecologia, e à natureza de forma geral. Em uma visão abrangente, trata de temáticas ligadas à sustentabilidade e à biodiversidade. Promovendo um diálogo conceitual com Colombo, Wilson da Costa Bueno (2008) defende que é preciso diferenciar o jornalismo ambiental da comunicação ambiental, a partir de suas respectivas amplitudes.

“A Comunicação Ambiental não tem um compromisso com a atualidade e muito menos com um formato particular. (...) A comunicação ambiental não pressupõe, em geral, periodicidade para seus produtos ou ações, mas esse atributo é fundamental para o jornalismo ambiental. (...) A Comunicação Ambiental é realizada por qualquer profissional, seja ele jornalista, biólogo, agrônomo, advogado, pescador ou indígena. O jornalismo ambiental é reduto de profissionais de imprensa que tem se organizado para qualificar a informação e incrementar o debate ambiental. (COSTA BUENO in GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p. 106 e 107)”

Macri Elaine Colombo contextualiza que a primeira entidade de jornalismo ambiental do mundo teria surgido na França, em momento próximo da realização da Conferência da Biosfera naquele país, em 1968. No mesmo ano teria eclodido também o trabalho do primeiro jornalista brasileiro especialista em meio ambiente, Randau Marques. Tanto no exterior como no Brasil, o jornalismo ambiental começou a se fortalecer a partir dos anos 80, influenciado pela descoberta do buraco na camada de ozônio e também pela reflexão a respeito do impacto das atividades humanas enquanto catalisadoras do aumento no aquecimento global.

Colombo alega que, mesmo nos dias atuais, boa parte das coberturas ambientais fica restrita às “ecotrágédias”, como, por exemplo, a morte da missionária americana da Pastoral da Terra, Dorothy Stang, no Pará, ou, mais recente, o crime ambiental demarcado pelo rompimento da barragem da Samarco, no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana. Dialogando com Colombo, o jornalista e biólogo Eduardo Geraque (2004) afirma que nem sempre os bastidores do cotidiano ambiental, as verdadeiras causas, ou ainda as reais consequências das tragédias/crimes na área são conhecidos do grande público. Para ele, exemplos como os citados acima, que ganharam enorme repercussão e desdobramentos na mídia, seriam considerados exceções.

“A mídia, por uma série de problemas que vão desde a infra-estrutura, recursos humanos ou boa vontade filosófica, prefere ficar de fora. Prefere olhar o problema de longe. E olha, mas ainda assim não enxerga. (...) Não significa que faltam profissionais interessados ou preparados para discutir e abordar a biodiversidade em toda a sua complexidade. O que ocorre é que os bons profissionais não encontram eco dentro nem fora de seu ambiente de trabalho (GERAQUE in VILAS BOAS, 2004, p. 93)”

Geraque defende que o modelo a ser buscado na cobertura jornalística de meio ambiente é aquele que abre espaço para os aspectos sociais e culturais do cotidiano, e não apenas para a vertente política-econômica. Neste sentido, a imprensa teria o papel tanto de informar, como também de fiscalizar e cobrar das várias formas de poder um novo posicionamento sobre o meio ambiente.

“As reportagens jornalísticas sobre preservação da biodiversidade costumam colocar bandidos de um lado e mocinhos do outro. Se preservarmos, diz-se, a pobreza irá se alastrar. Mas o que vemos, na prática, foge totalmente dessa dualidade. O meio ambiente é

¹ Doutor em Artes/cinema pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e Universitat Autònoma de Barcelona. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: adrianomedeiros.ufop@gmail.com

destruído, bem como a biodiversidade dos mares e das florestas. Ao mesmo tempo, a pobreza aumente e a renda se concentra ainda mais. (...) Nesse novo modelo proposto deve haver também o incentivo à oxigenação nas formas de expressão, talvez resgatando as grandes reportagens literárias, em estilo dinâmico e refinado, desde que a "arte" não comprometa a acessibilidade. (GERAQUE in VILAS BOAS, 2004, p. 93)”

Na opinião do pesquisador André Azevedo da Fonseca (2004), o papel do jornalismo ambiental não pode se restringir à repetição de procedimentos a respeito da educação ambiental que já são conhecidos pelos cidadãos. Ele deve contribuir na difusão de informações para que a sociedade possa conhecer os problemas nos quais está inserida ambientalmente e buscar soluções para os mesmos.

“*Jornalistas devem ter o bom senso de poupar o leitor de lugares comuns. A profusão de trivialidades e o raciocínio tautológico – aquele vício de linguagem que consiste em dizer sempre a mesma coisa, por formas diferentes – provavelmente são a grande deficiência em coberturas de questões ambientais. Com frequência repórteres e editorialistas gastam laudas intermináveis para jorrar as mesmas cachoeiras verborrágicas de sempre, sob o nobre pretexto de denunciar a poluição, o desperdício, a contaminação das águas e outras desgraças apocalípticas, terminando por concluir com o mais raso dos clichês. (FONSECA in VILAS BOAS, 2004, p. 146)*”

Fonseca acredita que um dos maiores equívocos dos jornalistas que fazem cobertura ambiental é a vergonha de perguntar. Seria o receio de admitir sua falta de conhecimento a respeito do assunto e a intimidação diante dos especialistas. Ele ressalta que as editorias ambientais nem sempre podem contar com jornalistas especializados na área.

Vilmar Sidnei Demamam Berna (2008) – jornalista ambiental que recebeu, em 1999, no Japão, o Prêmio Global 500 da ONU Para o Meio Ambiente – acredita que somente informar sobre a questão ambiental não é suficiente. Ele argumenta que a simples veiculação de informação ambiental desassociada de um compromisso com a cidadania crítica e participativa, ao contrário de contribuir em uma revisão de valores, pode suscitar o aumento da velocidade ou da quantidade dos diversos tipos de saque aos recursos naturais de nosso planeta. Para o autor, a crise ambiental vivida mundialmente não será finalizada

apenas com o uso da ciência e da tecnologia limpa ou ainda por intermédio dos procedimentos de difusão da informação próprios da educação ambiental.

“*Certo que não, porque por detrás da crise não há ausência de ciência de tecnologia, de informação ou de educação ambiental, mas, antes, uma estrutura de apropriação de recursos e de acumulação de riquezas que irá perdurar independente se a tecnologia é suja ou limpa, se existe ou não democratização da informação ou da educação ambiental. Entretanto, se a ciência e a tecnologia, a informação e a educação ambiental, por si só, não são capazes de solucionar os problemas provocados pela crise ambiental, sem elas é que a sociedade não terá a menor chance de sair dessa crise. (BERNA in GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p. 95)*”

Costa Bueno (2008) afirma que o saber ambiental deve estar umbilicalmente ligado ao pluralismo e à diversidade, potencializando o diálogo entre o cateдрático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, não estigmatizando qualquer tipo de sabedoria. Assim, todos e qualquer um de nós podemos e devemos ser fontes para este tipo de jornalismo, cuja missão principal será o compartilhamento de visões, experiências e conhecimentos que possibilitem melhorar e harmonizar as relações entre homem e natureza. O autor defende que o jornalismo ambiental deve construir seu próprio “ethos”, incorporando uma visão inter e multidisciplinar que extrapole os limites do jornalismo científico, das editorias e dos cadernos especiais, e que não se confunda, em nenhuma hipótese, com o jornalismo econômico. Assim,

“*O Jornalismo Ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses.*

O Jornalismo Ambiental não pode comprometer-se com a isenção porque participa de um jogo amplo (e nada limpo) de interesses. Não deve admitir-se utópico porque é fundado na realidade concreta, na luta pela qualidade do solo, do ar, da água, da vida enfim. (COSTA BUENO in GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p.95)”

Caminhando pelo conceito de TV pública na constituição da TV UFOP

Atualmente, sabemos que a delimitação do que é televisão pública pode se apresentar de muitas formas e em diferentes contextos. Mesmo pensando que não há uma definição capaz de abranger a diversidade de modelos desse tipo de TV, o documento “Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea” aponta algumas características comuns quanto ao funcionamento de uma emissora pública, sob o ponto de vista normativo:

“*1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança; 3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (accountability) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes. (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 9).*”

Dialogando com este ideal, Omar Rincón (2002) defende que as emissoras públicas devem ser espaço para a expressão e a representação do cidadão comum. Assim, entre as missões desse tipo de TV estaria a inovação, ou seja, a criação de propostas alternativas, a formação de novos talentos, a geração de novas formas de pensar as identidades dentro do audiovisual.

“*O ideal é projetar uma televisão humanista, que promova uma melhor compreensão entre todos e permita aos excluídos terem um controle sobre suas imagens públicas; que propicie novas formas de controle e de rede social, ao permitir às pessoas a possibilidade de criar e de contar suas próprias histórias; uma tela que possibilite imaginar novas audiências e novas consciências, sobretudo a partir dos atores sociais que se sentem abandonados pela tela comercial. (RINCÓN, 2002, p. 337).*”

Amparada nessas premissas, em outubro de 2011, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), através da Central de Comunicação Público-Educativa (CCPE), colocou no ar a TV UFOP: uma concessão dada à Fundação Educativa Ouro Preto (Feop), que apóia projetos da Instituição.

O embrião da TV UFOP foi o Centro de Produção e Pesquisa Audiovisual (CPPA), criado em 2006. Daquele ano até a concessão do canal aberto, foram desenvolvidas diversas pesquisas de linguagem e conteúdo, o que originou parte dos produtos que começaram a ser veiculado por este veículo. Normalmente, os programas produzidos pelo canal possuem um longo

período de experimentação e pesquisa, o que proporciona maior imersão nas temáticas trabalhadas, bem como um grande potencial de criação a partir de desdobramentos/rompimentos com mecanismos típicos das mídias meramente comerciais.

Ao ganhar a transmissão aberta de seu sinal, a TV UFOP buscou estreitar seus laços com a comunidade local (Ouro Preto e Mariana). A responsabilidade do veículo também aumentou ao almejar/planejar a veiculação de produtos educativos que ultrapassassem os muros da Universidade. Conceitualmente, a TV UFOP foi idealizada enquanto uma televisão educativa e não apenas universitária. Neste sentido, a prioridade foi dar voz e vez aos atores sociais que precisavam deste espaço ou que, por algum motivo, ainda não se sentiam abrangidos pela Universidade Federal de Ouro Preto, enquanto espaço público de ensino, pesquisa e extensão.

A partir da formação de um público maior e mais diverso, houve a necessidade de a equipe aprofundar suas pesquisas e conhecimentos em novas sub-áreas dentro do contexto audiovisual e dos mecanismos de recepção, no intuito de atender a diferentes demandas da nova comunidade que passou a ser abrangida pelo sinal de televisão. Em função de dificuldades de ordem técnica, por muitas vezes o sinal da transmissão aberta se tornou intermitente, especialmente em bairros/regiões mais distantes do transmissor. Com a chegada das graves restrições orçamentárias para as universidades públicas, entre 2014 e 2017, essa situação se agravou ainda mais.

A TV UFOP é transmitida através do canal 31 UHF, com abertura de programação diária de até 70 minutos. Normalmente, a entrada dessa programação tem início às 19h e vai até as 19h30min, com reprises de programas entre as 12h e 12h30 min. Todo o período restante é utilizado para a transmissão dos programas do Canal Futura, que é parceiro da TV UFOP desde o seu lançamento.

Parte da grade de programação é preenchida com o telejornal Plano Aberto, produzido pelo Núcleo de Jornalismo, sob a coordenação do jornalista Vitor Secchin e uma equipe de funcionários terceirizados e estudantes bolsistas do curso de Jornalismo da UFOP. O telejornal Plano Aberto vai ao ar, de forma inédita, duas vezes por semana. Após a transmissão em UHF as edições do telejornal ficam disponíveis em um canal no Youtube (<https://www.youtube.com/cppaufop>) e possuem duração aproximada de 10 minutos.

De maneira diferente de boa parte dos telejornais das emissoras comerciais, no Plano Aberto é pouco comum o repórter aparecer dentro das reportagens. Nesse modelo construtor, a narrativa é elaborada a partir das vozes de diferentes personagens/entrevistados. Assim, cabe ao repórter construir uma locução – com o uso dos offs – que servirá de fio condutor entre os

demais elementos estruturantes. Boa parte dessas reportagens é construída dentro do formato documental.

É importante esclarecer que, durante a formação do conceito gerador da TV UFOP e da constituição de sua programação na área audiovisual, especialmente no telejornalismo, a reflexão sobre as práticas de construção da informação televisiva de mercado não foram deixadas de lado. Contudo, a partir do entendimento da função social da TV UFOP – enquanto uma TV educativa – houve a escolha de se buscar alternativas ao modelo meramente comercial de produção, de forma a complementar suas lacunas e aprofundar seu tratamento de conteúdo, promovendo também inovações narrativas e de perspectiva estética. Contudo, não se trata aqui apenas do entendimento de duas vertentes distanciadas e opostas, mas, em alguma medida, complementares.

Além do Plano Aberto, os outros espaços da grade de programação da TV UFOP são preenchidos pelo antigo Núcleo de Conteúdo – hoje denominado Núcleo de Criação, sob a coordenação da historiadora Fernanda Luiza Lima, com o apoio também de funcionários terceirizados e de alunos dos diversos cursos da UFOP. Os programas produzidos pelo Núcleo de Conteúdo estão no canal: <https://www.youtube.com/tvufop>.

A equipe do Núcleo de Criação da TV UFOP se caracteriza pela pluralidade de formação de seus membros. São profissionais e aprendizes de diversas áreas de conhecimento e formação, abrangendo artistas, atores, diretores, jornalistas, músicos, filósofos, publicitários, historiadores e designers gráficos. T tamanha variedade de profissionais e pesquisadores proporciona um diálogo frutífero, favorecendo a criação de programas diferenciados e de formatos que buscam o aspecto da inovação.

Atualmente, o retorno dos telespectadores ao conteúdo da TV UFOP é medido principalmente a partir das interações que eles promovem com o canal, por meio de e-mail, blog e redes sociais. Um dos grandes desafios em um futuro próximo será a digitalização da TV UFOP. Conforme o Ministério da Ciência, Tecnologias, Inovações e Comunicações (MCTIC), o desligamento do sinal analógico na região que abrange as cidades de Ouro Preto e Mariana vai ocorrer em julho de 2018.

Veredas: educação ambiental e ecoturismo a partir das diversas telas da TV UFOP

O conceito embrionário idealizado para o programa Veredas nasceu a partir de duas importantes vertentes e aproximações. A primeira delas se apropria da tradução do respectivo vocábulo enquanto caminhos – sempre utilizado no plural, com a finalidade de apontar múltiplas direções e sentidos, trajetórias desconhecidas,

novas possibilidades... A segunda vertente propõe uma aproximação com ambientação interiorana, especialmente de Minas Gerais, retratada pela literatura do mestre Guimarães Rosa.

Veredas tem foco na educação ambiental, no ecoturismo, na aventura em meio à natureza e no desenvolvimento sustentável da região dos Inconfidentes. Essa perspectiva temática ganhou ainda mais força após o crime ambiental ocorrido com o rompimento da barragem de Fundão, sob responsabilidade da Samarco, no final do ano de 2015. A iniciativa do programa visa explicitar, a partir do audiovisual, as características e qualidades do meio ambiente, no intuito de colaborar com a preservação do mesmo.

“Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.) mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana. (COSTA BUENO in GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p.107 e 108)”

Na fase inicial do projeto, a cada episódio, o telespectador conhece uma das trilhas encontradas nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Ouro Branco e Itabirito. A condução do olhar do telespectador é promovida a partir do trabalho de documentarista/apresentador que faz o caminho da respectiva trilha, apresentando belezas naturais, paisagens exuberantes, curiosidades de relevo, vegetação, animais residentes no referido habitat, bem como as histórias, causos e lendas relativos ao mesmo espaço físico. Além do aspecto informativo, a apresentação também dá espaço para um tom intimista, pessoal e reflexivo deste agente comunicador.

Dentro do mecanismo construtor proposto, a polifonia é uma aliada. Cada edição do programa conta com a participação de consultores ambientais (como biólogos, geógrafos, historiadores), bem como com membros da própria população residente no entorno das referidas trilhas. O diálogo entre ambas as vozes dá o subsídio necessário para a construção de narrativas que propiciam a difusão de conhecimento ligado à natureza, a partir da junção de elementos próprios do saber acadêmico/científico, entrecruzados a concepções de um saber provindo da cultura popular.

A proposta estética do programa Veredas busca uma aproximação intrínseca com valores da linguagem cinematográfica. Cada edição é iniciada por um intenso trabalho de pré-produção. Neste sentido, o produtor do programa desenvolve am-

pla pesquisa do roteiro geográfico que será desenvolvido, suas particularidades, atrativos e complexidade. Tudo muito antes de a equipe principal ir a campo. A partir do material e das informações conseguidas é agendada uma primeira visita aos pontos principais da trilha relacionada. Cabe ao produtor e a um dos cinegrafistas este primeiro desbravamento. Na referida ocasião, os dois profissionais tem a oportunidade de identificar uma melhor rota para captação de material, bem como conhecem pontos ou atrativos que não tinham sido identificados na pesquisa prévia. Além disso, eles observam a variação de luz nos ambientes (referenciando o melhor horário de gravação em cada um deles); percebem a incidência/interferência de sons nos respectivos locais; verificam a necessidade de materiais diferenciados, como, por exemplo, um bote inflável, ou uma centena de metros de corda para uma descida de rapel; e, por fim, iniciam o processo de captação de imagens e sons. Esta última atividade é feita com a perspectiva descritiva – para dar uma visualização prévia ao restante da equipe – no intuito de apresentar características essenciais do trajeto a ser desenvolvido posteriormente.

A fotografia do programa é desenvolvida de forma sensível e cuidadosa, rica em detalhes e com muitas possibilidades de experimentação no momento de captação. Assim, de acordo com a necessidade de cada edição de Veredas, há a utilização de micro câmera (para evidenciar reações do documentarista/apresentador e também ângulos diferenciados e mais ousados). Normalmente, a captação é feita a partir da utilização de duas câmeras DSLR, em enquadramentos distintos. Uma delas se posiciona como câmera base, registrando a ação principal da narrativa, enquanto

uma segunda se preocupa mais com os detalhes, com aquilo que é pouco visível a um olhar menos atento, ao aspecto da subjetividade do registro. A captação das imagens aponta para uma mescla entre o registro estático, a partir do uso do tripé (para momentos contemplativos da natureza, entrevistas e belezas encontradas pelo caminho), e também o uso da câmera na mão do cinegrafista, para o registro dos instantes que sugiram ação e aventura. A câmera subjetiva do documentarista/apresentador também é utilizada para integrar ainda mais o espectador à experiência do referido agente. É uma tentativa de colocá-lo naquele espaço e naquela atividade.

A banda sonora também é trabalhada em suas sutilezas. O desenho de som foi pensado para dar espaço aos sons diegéticos da natureza, como pássaros, água corrente, rochas se deslocando, vento, entre tantos outros. Além disso, o áudio das falas dos entrevistados também é peça essencial para a construção deste conteúdo. Em Veredas há lugar garantido para os chamados tempos mortos, para os momentos do pensar, do respirar, do suspirar dos personagens e entrevistados. Um tempo típico das construções poéticas. A trilha musical original é utilizada, porém, respeitando o espaço dos sons originais dos caminhos apresentados e buscando neles a inspiração para sua construção.

A montagem possui um papel fundamental: dar variação rítmica precisa a esta mistura, que envolve um lado ligado ao sensível e à contemplação e, outro, que busca a dinamicidade, o movimento e a aventura. Assim, busca-se o entrelaçamento cuidadoso desses dois eixos, no intuito de despertar no telespectador sensações que promovam sua aproximação também com aquele espaço natural e suas infinitas

possibilidades. Há um grande desafio buscado na montagem de cada edição: deixar o programa com ritmo encadeado e dinâmico – para chamar atenção dos desafios e do próprio mecanismo de ação contidos nas trilhas e, em outra vertente, a promoção de desacelerações narrativas – para despertar um olhar mais atento para a natureza e para as pessoas que vivem naqueles referidos ambientes.

Da constituição do projeto à finalização do programa piloto originou-se uma gestão de longos nove meses. Contudo, o entusiasmo e a dedicação da equipe foram recompensados com um lançamento precursor da obra na antiga, histórica e inspiradora casa do poeta Tomás Antônio Gonzaga, em Ouro Preto. O lançamento aconteceu no dia 06 de junho, durante a semana de comemoração do Meio Ambiente e através da parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Feop. Com o anfiteatro lotado, a equipe exibiu o programa Veredas 01 e dialogou com os diversos agentes regionais ligados à educação ambiental e ao ecoturismo. Neste sentido, os telespectadores já podem se preparar para as novas aventuras no caminho da conscientização ambiental, a partir de Veredas. Inicialmente, a periodicidade do programa será bimensal e cada episódio, de 15 minutos de duração, irá retratar um trajeto diferente da rica natureza da região dos Inconfidentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERNA, Vilmar Sidnei Demamam. Desafios para a comunicação ambiental. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges (orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil? **Novos Estudos: revista da CEBRAP**, São Paulo, n. 88, p. 5-18, nov. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000300001>. Acesso em: 20 jun. 2013

COLOMBO, Macri Elaine. Jornalismo ambiental: a sua história e conceito no contexto social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2674-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

COSTA BUENO, Wilson da. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges (orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GERAQUE, Eduardo. Perceber a biodiversidade. In: VILAS BOAS, Sergio (org). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

FONSECA, André Azevedo da. Água de uma fonte só. In: VILAS BOAS, Sergio (org). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS:

Universidade Federal de Ouro Preto. Boletim da TV UFOP: lançamento do programa Veredas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XLIIGTK7Rqo>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Universidade Federal de Ouro Preto. Telejornal Plano Aber- to 08/06/2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=oeGjo2zqgPI&index=8&list=PL81G8sAzM8UE6waZYpHX56DA93CWNBX-Fd>>. Acesso em: 27 jun. 2017.